

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE TRABALHO “MOVIMENTAR E JOGAR: É SÓ COMEÇAR!”

APRESENTAÇÃO

O objetivo deste texto é relatar uma experiência vivida durante o ano de 2010 no Centro Municipal de Educação Infantil Cecília Meireles, mas especificamente em um agrupamento de crianças de 3 anos de idade composto por 20 crianças. Nosso CMEI é uma instituição de Educação Infantil mantida pela Secretaria Municipal de Goiânia e se encontra localizada à Rua SNF – 5 Quadra 1 A, Lote 3 e 4 no Setor Norte Ferroviário nesta capital. Atende atualmente 97 crianças, de 1 a 5 anos e 11 meses, divididos em 5 agrupamentos.

Este trabalho trata-se de um projeto de trabalho desenvolvido não para as crianças, e sim com elas. Isso quer dizer que a história foi construída a muitas mãos, mãos de professoras e mãos pequeninas das crianças, ávidas por conhecer, tocar, experimentar, sentir... Certamente os leitores perceberão a participação ativa das mesmas nesse processo de autoria compartilhada entre professora e crianças. Além disso, essa realização contou com a importante contribuição da família que compõe nossa comunidade educacional, a qual caminhou conosco de braços dados durante todo o processo de aprendizagem.

Esse processo de aprendizagem permitiu o alargamento de horizonte para todos os sujeitos envolvidos – crianças, professores, família, profissionais da educação da própria instituição – o que é próprio à proposta de projetos de trabalho, que é a forma com que nossa instituição optou para materializar e traduzir nossa concepção de currículo aberto e não determinado anteriormente. Essa visão é convergente com o que diz a Resolução nº 5, 17 de dezembro de 2009, Art 3º

O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.

Isso quer dizer que os saberes e os conhecimentos trabalhados emergem em um contexto significativo para as crianças, assim são pelas vias da pesquisa, da observação, da comparação, da leitura, da análise, da experimentação, da interpretação, da crítica, do diálogo que traçamos a trajetória das aprendizagens, que ganha seus contornos por meio dos projetos de trabalho. A produção, apropriação e (re) significação do conhecimento, dentro desta perspectiva, encontram-se vinculada às trocas, às investigações, às produções, às descobertas e às sistematizações promovidas pelo trabalho com a temática do projeto. Segundo Hernández (1998), poderíamos defini-los como percursos que têm como eixo orientador um tema ou problema que possibilita a aprendizagem de maneira relacional para a compreensão da realidade.

Por isso, essa experiência nasceu a partir do que as crianças apresentavam demanda, porém a educação infantil convida o educador a ativar todas as suas percepções, pois as crianças se manifestam por meio de múltiplas linguagens, que são as diferentes configurações e das crianças interagirem como o mundo e se expressarem.

Nesse sentido, a escuta e a observação sensível das crianças são para mim análogas ao ofício do pescador, que prepara sua tralha e embarca diariamente por águas correntes sempre novas. Ele lança seu anzol e organiza as condições para a pesca e, de repente, fisga um peixe. Diante desse feito, como preparar a refeição? E assim diversas questões iam emergindo, mas que podem ser sintetizadas em uma só: e agora, como dar corpo às pistas difusas dadas pelas crianças?

Ao estabelecer um laço entre o presente e o futuro, o projeto se configura como uma forma de organizar o trabalho pedagógico convocando os sujeitos envolvidos em uma participação ativa e co-autoria do seu caminho de investigação e aprendizagem. Nessa perspectiva nasceu “Movimentar e Jogar: é só começar!”

Este texto é composto primeiramente pelo projeto de trabalho “Movimentar e Jogar: é só começar!” com sua escrita inicial. A segunda parte é formada por uma síntese reflexiva sobre as experiências promovidas pelo projeto em questão e seus efeitos sobre a comunidade educacional que ele abarcou. Na terceira parte, traz uma discussão sobre a escrita docente e a

documentação pedagógica que possibilitou a construção da memória das experiências e das aprendizagens. Ao final deste trabalho, segue os anexos, que são amostras indispensáveis para a visualização do processo vivido. Convido ao leitor que transite por alguns planejamentos sintetizados em forma de tabelas, por alguns registros avaliativos diários realizados no cotidiano transcritos do meu caderno de professora, bem como nas fotografias que retratam momentos são significativos para nosso grupo.

É claro que está aqui o recorte de um olhar, entremeado pela escuta das crianças, por minhas convicções e fundamentos teóricos, por interpretações suscetíveis a revisões e a redirecionamentos. A opção de apresentar aqui a coletânea de momentos configura-se para mim a é possibilidade de expor um caminho de - como diz Ostetto (2001) - construção de uma memória sistematizada que permite a reflexão, a análise e a ampliação do conhecimento.

1 – O projeto de trabalho “Movimentar e Jogar: é só começar”

A seguir está explícita a escrita do projeto de trabalho, que consiste em um plano inicial que registrou as intenções, as finalidades e os pontos de partida da vivência relatada. Ele traz a história da origem dessa experiência, a fim de revelar algumas respostas para as seguintes questões: de onde veio esse projeto? Por que ele foi construído? Para quê? O que ele pretende abordar? Quem são os sujeitos desse relato? Onde ele ocorreu? Quando?

Isso porque, todo projeto é uma antecipação de algo que desejamos que se concretize, é lançar algo que vislumbramos para o futuro mapeando pontos importantes, contudo não é da ordem da garantia esse caminho pelo saber, pois ao longo de sua realização as vozes das crianças e da comunidade redirecionam a trilha inicialmente planejada. Espero que a trajetória aqui apresentada possibilite a percepção da definição do problema, a coleta de informações, a sistematização e a reflexão das mesmas no processo de ampliação do conhecimento.

Para atender as formatações solicitadas pela comissão julgadora desse concurso, um trecho do projeto original foi lançado para o anexo 4, bem como fotos inseridas no mesmo foram deslocadas também para os anexos. Porém,

salvas essas alterações, ele está apresentado como foi entregue à coordenação da instituição no início do mês de março de 2010 nos itens 1.1 até 1.6 deste relato.

1.1 – A definição do problema do projeto de trabalho “Movimentar e Jogar: é só começar”

A turma de 3 anos do CMEI Cecília Meireles, chamada por nós de agrupamento Vermelho, chegou no início do ano com manifestações típicas do período de adaptação: alguns choros na chegada, deslumbramento com os novos colegas, professoras e atividades propostas. Nesse meio tempo, enquanto nosso enfoque era dialogar sobre nossas relações e estabelecer os combinados, uma questão se presentificou significativamente nas ações cotidianas das crianças.

Frequentemente, uma criança chegava com uma camisa de um time de futebol, outro dia uma nova criança com outra camisa, outra com calçado, vestido,,, e assim por diante. Gus., todo orgulhoso, um dia exibiu sua camisa do Atlético Goianiense; T. diariamente vem com a sandália do Palmeiras e, às vezes, com a camisa deste mesmo time; Y. chamou a atenção da turma com a camisa do Goiás e Isa. expôs diversas vezes seu vestido do Flamengo. O anexo 1 permite a visualização desse fato.

Ao chegar, muitas vezes as crianças diziam “Você viu minha camisa?” Outras interrogavam “Esse é o São Paulo”. E assim, essas peças do vestuário chamaram a atenção não por seu valor de uso, mas sim por sua representatividade. No momento do parque, quando bolas foram oferecidas para brincar, o brinquedo em formato de gol era bastante requisitado, bem como as professoras para jogarem com as crianças. Nessa situação surgiu uma questão de L. “Como é que se brinca disso?” – questionou ela pendurando-se na cesta de basquete. Em uma circunstância voltada para a reflexão sobre a dengue, a raquete que mata o mosquito e a raquete de tênis foram motivos de conversa entre as crianças, e T. liderava a discussão dizendo que seu pai tinha ambas. Além desses fatos, D. trouxe de casa no dia 26 de fevereiro uma bola de futebol norte-americano e aquele objeto, estranho para muitos, foi alvo de muitas perguntas e manuseio de vários meninos.

Esses acontecimentos, entre outras manifestações não-verbais, forneceram pistas para a percepção de uma questão de grande interesse da maioria das crianças de nossa turma: as práticas esportivas, expressas nas peças de vestuário e calçados de times e na exposição infantil de objetos típicos de alguns esportes. Por isso, nossa opção de delimitar a temática dos esportes, envolvendo assim, não só o futebol, mas outros jogos eram assuntos que circularam insistentemente durante as atividades livres.

Outro dado pertinente ao levantamento dessa temática foi uma eleição sobre a atividade preferida de fazer no CMEI realizada no final de 2009 nessa turminha, quando a mesma era intitulada “agrupamento amarelo”. Qual não foi minha surpresa ao verificar que a preferência da turma foi completamente convergente com minha percepção durante esse período de adaptação. A montagem do gráfico evidencia a escolha das crianças em “participar de jogos”, conforme apresentado no anexo 2.

Essa temática está explícita no título dado pelas professoras ao projeto “Movimentar e Jogar... é só começar”, como uma analogia ao ditado popular “comer e coçar... é só começar”, apresentando a energia contagiante que as manifestações sobre as práticas esportivas em nosso agrupamento tem evidenciado. Acreditamos então que esse tema é pertinente para a formação de um projeto sobre ele, pois as crianças demonstraram claramente curiosidades, interesses e sede em conhecer mais sobre os mesmos. Então, nossa turma é um campo fértil para ampliar o aprendizado sobre os esportes por meio de um projeto de trabalho, pois, de acordo em Hernández (1998), um projeto pode ser “um percurso por um tema-problema que favorece a análise, a interpretação e a crítica [...] onde predomina a atitude de cooperação” (HERNÁNDEZ, 19998, p. 82).

Uma questão essencial que poderia chamar de problematização do projeto nos remete à questão da criança L. “Como se brinca disso?”, então nossas descobertas girarão entorno da descoberta de como se pratica diversos esporte. Até porque, ao questionar as crianças o que elas já sabem sobre os esportes tivemos muitas falas pertinentes que foram registradas por mim: “eu já brinquei com bola na cesta” (Isa.); “eu já joguei futebol, vôlei e basquete com meu pai” (D.); “eu gosto de bola” (B.) e “brincar de golfe é com raquete” (Gus.). A fim de avançar sobre esses conhecimentos prévios, as crianças responderam a

interrogação: O que vocês querem saber sobre os esportes? Assim, surgiram algumas curiosidades, tais como: “eu quero saber do futebol” (Gi.); “eu quero saber jogar vôlei”; “não sei futebol e não dou conta de por estrelinha” (M. L.); “o futebol joga na cesta?” (M.); “vídeo game é esporte?” (Y.). Essas questões pretendem ser contempladas ao longo do projeto que tem como grande propósito proporcionar a vivência de diversas modalidades esportivas para que suas características possam ser identificadas e diferenciadas pelas crianças. Além disso, a continuidade do diagnóstico do projeto pode ser conferido no anexo 4 na transcrição do diálogo ocorrido entre professoras e crianças.

A cooperação entre a comunidade de aprendizagem é típica à realização de qualquer projeto, contudo, vale ressaltar que nossa temática permite a vivência desse e de mais outros valores humanos essenciais à formação de cidadãos críticos e ativos. Nesse sentido, muitos serão os ganhos dos sujeitos envolvidos com o nosso trabalho, pois a proposta principal é que as interações sejam ricas e desafiantes, que cada criança conheça e vá além de seus próprios limites, lide tranquilamente com vitórias e frustrações, opine e entre em acordo sobre as regras, crie estratégias, amplie os conhecimentos, brinque bastante e seja feliz!

É de grande consenso que os jogos e as brincadeiras são importantes no processo educativo, já que a vivência lúdica nos permite desenvolver habilidades de ordem física, intelectual, social e emocional. Assim, serão constantes os desafios motores, as propostas de elaboração de táticas que envolvem o raciocínio lógico, as experiências em que as crianças poderão criar, selecionar, discutir, comparar, confrontar e refletir sobre sua postura e dos colegas em meio às diversas brincadeiras. Dessa forma, os esportes permitem buscarmos a garantia do respeito aos diversos direitos das crianças: contato com a natureza; movimento em espaços amplos; à proteção, ao afeto e à amizade; à atenção individual; a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante; a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão; a desenvolver sua identidade cultural e, principalmente, à brincadeira.

Segundo o documento *Saberes Sobre a Infância: a construção de uma política de educação infantil* (2004), produzido pela SME de Goiânia, o direito à brincadeira “é garantido quando os adultos, além de observarem e participarem de suas brincadeiras, propõem novas, que ampliam as experiências da criança;

quando os espaços e o tempo na instituição são organizados para favorecer o brincar” (p. 24), o que vai ao encontro dos propósitos do projeto *Brincar e jogar... é só começar!*

1.2 - Objetivos

- Integrar-se com todos do grupo por meio de um contexto lúdico de jogos e brincadeiras.
- Vivenciar diferentes jogos e brincadeiras dentro e fora de nossa instituição.
- Exercitar, por meio dos jogos, habilidades essenciais à boa convivência e a capacidade de lidar com as regras e com os sentimentos que os desafios despertam.
- Selecionar com as crianças quais modalidades esportivas serão trabalhadas.
- Expor os conhecimentos prévios sobre os esportes.
- Conhecer a dinâmica, as regras, os materiais e o vocabulário típico de cada modalidade esportiva abordada.
- Identificar as cores e os símbolos dos times de futebol de preferência das crianças.
- Construir um ambiente valorativo de leitura e escrita a partir do registro das regras dos jogos, poemas, músicas, entre outros textos.
- Explorar as relações e as habilidades matemáticas de classificação, seriação, lógica, comparação, contagem, quantificação, promovidas nos jogos, especialmente no que diz respeito às pontuações alcançadas e registradas.
- Pesquisar quais brincadeiras os pais brincavam quando eram crianças.
- Convidar familiares e outras pessoas da comunidade para nos ensinar mais os esportes que praticam.
- Formar torcidas para os amigos que estão vivenciando o papel de atletas.
- Trilhar outros caminhos por meio da observação e consideração das falas das crianças, entre outras manifestações.

1.3 – Coletando as informações por meio das múltiplas linguagens

Acreditamos que um currículo aberto não é esvaziado de conhecimentos científicos, artísticos, sócio-culturais etc. Os projetos prezam principalmente por permitir que os educandos entrem em contato com os mesmos, mas a partir de suas curiosidades e de seus interesses. Tendo estes em mãos, o professor pode aprofundar os conhecimentos em um percurso dinâmico. Por isso, o projeto “Movimentar e Jogar, é só começar!” apresentou a princípio diversos conhecimentos que, ao longo de sua realização, iluminaram os saberes adquiridos. Esses conhecimentos estão expostos no anexo 3. Sua disposição em rede não é arbitrária, ao contrário, é para representar essa concepção de aprendizagem considerando a complexidade e a articulação da realidade com os diversos aspectos que a compõe. E a criança da educação infantil pode e deve ter acesso à realidade por meio das mais diversas áreas do conhecimento pela via das múltiplas linguagens, conforme orienta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil em seu Art. 9º diz que:

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que [...]
II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical.

1.4 – Mapeando inicialmente nosso percurso

Aqui serão expostos os procedimentos iniciais que servirão como alavancas do projeto, contudo, posteriormente os contornos e os direcionamentos serão traçados conforme a participação da turma, as observações das professoras e as situações imprevistas que certamente ocorrerão.

Em um primeiro momento, será proposta uma roda de conversa sobre o que a professora tem observado, conforme as descrições expostas na justificativa. A partir desse diálogo, conversaremos sobre qual esporte as

crianças gostariam de conhecer e, em seguida, confeccionaremos um gráfico que apresenta diversas opções de modalidades esportivas e cada criança opinará qual é a sua preferida. Essas atividades serão registradas e servirão de base para as seguintes.

A partir da escolha da maioria no gráfico, iniciaremos pelo destaque do esporte eleito pelas crianças. Assim, as questões - o que você já sabe sobre esse esporte? E o que quer saber? - direcionarão nossas próximas ações (uma amostra desse trabalho pode ser conferido no anexo 4). É certo que vivenciaremos em meio à brincadeira esses esportes, trabalharemos suas regras. Construiremos cartazes com desenhos, pinturas, modelagens, as falas das crianças, as pontuações alcançadas por cada uma, entre outras formas de registro. Também conheceremos, histórias, músicas e poemas que os abordam, tendo as obras de literatura infantil *É Gol!* de Rufus Butler Seder e *Futebol* de Lalau e Laurabeatriz como grandes referências de trabalho. Ao mesmo tempo, teremos acesso à história dessas modalidades esportivas, confeccionaremos diversos registros e materiais que permitem os jogos e as brincadeiras sejam vivenciados no CMEI, bem como no seio familiar.

Além disso, a família será envolvida na realização de pesquisas e investigações sobre as curiosidades das crianças e com a vinda de familiares para ensinar modalidades esportivas que estão presentes em suas vidas atualmente ou quando eram crianças. Dessa forma, considerando a manutenção do interesse e das curiosidades sobre os esportes, faremos uma previsão de quatro meses para duração deste projeto, mas que poderá ser alterada. Seguindo as orientações de Barbosa e Horn (2008), o percurso será mapeado, as informações serão coletadas, partilhadas, tratadas, sistematizadas e refletidas ao longo de nosso processo. Nosso percurso também será comunicado à comunidade (funcionários, outras crianças e professoras dos demais agrupamentos, familiares, entre outros) por meio da divulgação de diversas formas de documentação construída com e pelas crianças ao longo do projeto.

1.5 - Recursos materiais iniciais

- Cartazes;

- Bolas, redes, raquetes, trave de gol de brinquedos etc;
- Livros literários (*É Gol!* de Rufus Butlher Seder e *Futebol* de Lalau e Laurabeatriz);
- Entre outros que serão pesquisados.

1.6 - Avaliação

Durante todo o processo de desenvolvimento do projeto, serão observados os progressos e mudanças das atitudes por parte das crianças em relação à convivência, à interação e aos valores trabalhados. Paralelo a isso, serão observadas as atuações frente aos desafios e as habilidades no contexto lúdico, bem como os novos conhecimentos adquiridos diante das propostas. Também montaremos um portfólio das atividades registradas, pretendendo resguardar aquilo que ficou de mais significativo.

2 – Os efeitos promovidos pelo projeto “Movimentar e Jogar: é só começar” em nossa comunidade educacional

O primeiro efeito percebido desse trabalho é no campo das aprendizagens das crianças, tanto no que diz respeito aos conhecimentos sistematizados nos mais diversos campos quanto no tocante ao aumento da qualidade de suas interações. O tema esportes convida à sociabilidade permeada pelo respeito aos colegas, bem como ao auto-crescimento na superação dos obstáculos físicos e emocionais. A atitude de cooperação e de incentivo uns aos outros foi predominante ao final deste trabalho, em que as crianças conseguiam reconhecer as vitórias dos colegas e de si mesmos ao participarem de momentos tão prazerosos e desafiadores.

Após o diagnóstico do que as crianças já sabiam, observamos que algumas hipóteses das crianças estavam coerentes e outras equivocadas, por isso partimos para a escolha do primeiro esporte a ser desvendado. Para que as crianças optassem, trabalhamos a oralidade, mas também exploramos os conhecimentos matemáticos na tabulação das informações por meio de um gráfico, fruto da leitura da obra de literatura infantil “É gol!” (vide anexo 4).

Nessa situação produtiva e democrática, foi destacado esporte atletismo. A partir do livro infantil “Atletismo” da Coleção Olimpíadas em ação, vivenciamos situações de experimentação das modalidades do atletismo: corrida de velocidade, corrida de obstáculos, salto a distância e arremesso de dardos e de pratos. Ao final, as crianças se submeteram a uma nova votação classificando qual dessas modalidades sentiram-se mais desafiadas. Em cada uma delas, o letramento a partir de seus nomes, a mensuração do tempo e da distância permitiram novas aprendizagens, bem como um retorno à história da maratona na Grécia Antiga. Também refletimos sobre os valores humanos conhecendo a história e representando uma atleta brasileira de grande reconhecimento desse esporte. Uma amostra dessa experiência pode ser vista no anexo 6.

Na sequência, trabalhamos o basquete, que provocou a questão de L. mediante o brinquedo do parque. Trazer um esporte de cunho coletivo para a educação foi uma novidade muito desafiadora, buscando atender à orientação da Resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009, ainda no artigo 9º, no inciso VIII que defende que as propostas pedagógicas “incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza”. Essa intencionalidade é notória a todo projeto e podemos afirmar que foi alcançada nos diferentes momentos deste relato.

As crianças se apropriaram dos elementos vocabulares próprios a esse esporte identificando-os, treinaram a falta com lançamentos à cesta, contabilizaram seus pontos e vivenciaram o esporte dividindo times. Essa situação foi muito interessante ao permitir uma autocrítica diante do papel de educadora, já que a falta de um espaço delimitado, como uma quadra, por exemplo, interferiu na experiência. Horn (2004), nos diz em sua obra “Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil” que há uma estreita parceria entre educador e espaço, em que o primeiro deve trazer o segundo a seu favor na transformação do mesmo em ambientes que favoreçam a interação e as aprendizagens. Essa reflexão trouxe uma intervenção no pátio na pintura de uma “quadra poliesportiva”, o que trouxe um legado de nosso projeto de trabalho para o CMEI. Toda essa vivência está mais detalhada no anexo 7. Além do mais, toda a instituição se envolveu com o

projeto ao organizarem torcidas não só no jogo de basquete, como nas outras “provas” promovidas no CMEI, integrando ainda mais as crianças.

Na sequência, resgatamos o futebol, outro esporte presente no diagnóstico dos interesses das crianças. Esse esporte foi explorado em práticas de letramento com música, poesia, livros literários e informativos; nas linguagens matemática, artística, no campo dos valores e, especialmente, no que diz respeito ao corpo e movimento. As crianças apresentaram seus conhecimentos prévios e os ampliaram por meio do diálogo com os textos e a professora. Conheceram também o “futebol de botão”, tão presente na história da infância da educadora, permitindo o trabalho motor mais específico, a atenção e o levantamento de estratégias nesse jogo. Brincaram também de jogo da memória com o emblema dos diversos times brasileiros, exercitaram o pênalti e vivenciaram o futebol coletivo.

Após toda a dedicação ao futebol, conhecemos um esporte para nós muito diferente: o hipismo. Uma mãe policial contribuiu com nosso projeto indicando-nos a uma visita à Cavalaria da Polícia Militar para que conhecêssemos mais sobre esse esporte. Esse foi outro efeito, que diz respeito à participação ativa das famílias no processo. Essa parceria família-instituição, começou tímida no início do projeto. Ao enviar uma pesquisa para saber quais familiares praticavam esportes, de 20 questionários, tivemos retorno apenas de três, sendo um deles tendo apenas não como resposta. Para trazer a comunidade para nosso trabalho, intensificamos a socialização de nossas produções e solicitamos que as crianças relatassem em casa as aprendizagens e as experiências vividas.

Assim, elas se envolveram de tal forma que inclusive propiciou um estudo do meio interessantíssimo em uma hípica incentiva por uma mãe policial e também uma visita riquíssima do pai de uma criança de nosso agrupamento para trabalhar sobre o esporte tênis conosco. Ao final do projeto, tivemos inclusive depoimento de famílias que inseriram suas crianças em práticas esportivas mediante o apelo das mesmas. Depois desse trabalho, as famílias ficaram ainda mais presentes na instituição e, inclusive, passaram a se relacionar ainda mais fora do CMEI no cultivo da amizade entre seus filhos na visita a parques e na promoção de jogos em casa.

Retomando o passeio à Cavalaria da Polícia Militar, é importante dizer que tivemos nessa oportunidade uma experiência muito singular que mostrou-se encantadora para as crianças e para as educadoras. Nessa ocasião, as crianças percorreram todo os espaço destinados aos “cavalos atletas”, desde as baias de descanso, o pasto de alimentação, a área hospitalar, ao espaço de cuidado e de manutenção das ferraduras, a selaria até a pista de hipismo. Foi muito rico o contato com os animais e os diversos elementos da natureza. Além disso, elas vibraram com uma exibição do cavaleiro na pista de obstáculos e também puderam experimentar esse papel de atleta, o que pode ser verificado no anexo 9.

Ainda com o auxílio da família, as crianças adentraram no mundo do esporte tênis a partir da contribuição de outra família. O pai praticante de tênis partilhou seus conhecimentos, experiências e troféus conosco. Nossas aprendizagens extrapolaram as dicas e o vocabulário esportivo, atuando especialmente na formação emocional dos “pequenos atletas” de nosso agrupamento, respondendo às crianças sobre sua visão a respeito das vitórias, das derrotas, das dores provocadas pela prática esportiva etc. Essa situação tornou-se grande referência para as crianças no desenvolvimento dessa postura honrosa do atleta, que sente prazeres, dissabores, alegrias ao contribuir com o outro e que se esforça para apresentar o seu melhor. Alguns dados dessa vivência podem ser vistos no anexo 10.

Depois do tênis, partimos para o trabalho com a natação. Uma outra mãe é educadora física e professora de natação combinou com nossa turma que promoveria uma vivência com esporte cogitando a possibilidade de levar nosso agrupamento na academia que trabalho. Todavia, vale ressaltar que nenhum processo de aprendizagem ocorre isento de fragilidades, imprevistos desagradáveis também ocorreram... O frio impediu essa outra atividade proposta, assim como outros pequenos entraves ao longo do percurso. Esses acontecimentos são típicos da fertilidade das relações humanas que o trabalho com o projeto convida e retrata a realidade multifacetada, que não é “redonda” ou plena. Optamos por suspender essa saída e realizamos uma brincadeira de natação com uma pequena piscina plástica do CMEI em um dia que o clima permitiu. Nesse caso a atividade ocorreu no contra turno a partir das orientações anteriores dessa família, conforme o anexo 11.

Escutando as propostas das crianças, atendemos a solicitação de uma criança realizando uma manhã de ciclismo no CMEI, o que promoveu uma interação extremamente significativa entre as crianças ao emprestarem seus artigos esportivos, no caso, bicicletas, para todas as demais na realização de uma “prova de ciclismo”, sobre a qual remetemos no anexo 12.

De repente, esse projeto sofreu uma interrupção devido à greve ocorrida no município, porém no retorno das atividades, as crianças e as famílias puderam resgatar toda a memória desse percurso de aprendizagem apreciando um álbum construído ao longo do processo. Esse álbum narra a trajetória por meio da escrita, de produções das crianças, dos cartazes diversos, do registro das rodas de conversas e também por fotografias.

A documentação pedagógica apresentada aqui é uma seleção materializada por meio da escrita, sendo assim, a totalidade e a riqueza do processo não está impressa aqui, além disso, revisitando o que foi vivido, pude vislumbrar tantas outras possibilidades que não explorei ou caminhos que hoje percorreria de outra forma. Nas palavras de Barbosa (2008, p. 103): “a documentação sempre nos diz algo sobre como construímos a criança e nós mesmos como pedagogos. Por esse motivo, ela estará aberta à discussão e à mudança”.

O outro efeito é em minha formação docente em serviço. O projeto de trabalho que lança em uma compreensão de professor pesquisador, investigador, estudante, enfim, de aprendiz. Esse projeto me convocou ao estudo, pois diversas leituras teóricas e informativas foram necessárias para verticalizar o conhecimento com as crianças. Também foi fundamental pesquisar fontes literárias sobre a temática. Além disso, o diálogo entre a professora e a turma de educação infantil só é possível a partir de uma postura que valoriza a escuta da criança e a acolhida de suas demandas que vem pela voz, pelo olhar, pelos gestos, pelos risos, pelos choros e por todos seus movimentos. Aliás, movimento é a palavra chave de todo o trabalho realizado, que também atingiu os mais diversos segmentos do CMEI. É justamente sobre o movimento de aprendizado que o projeto permitiu em meu trabalho – que também é abordado no item 3 – pois a reflexão e a documentação desse processo só foi possível pelo investimento docente no campo da escrita avaliativa, a qual impulsionou o redimensionamento do planejamento.

3 – A escrita docente e a documentação pedagógica que possibilitou a construção da memória das experiências e das aprendizagens

Ao folhear a escrita inicial do projeto apresentado no item 1, observo que os primeiros apontamentos foram condizentes com diversas ações concretizadas, mas ao mesmo tempo foram ultrapassados pela vivência de situações significativas e imprevistas que vieram atender os interesses das crianças. Além disso, sabemos que todo planejamento é um fio condutor do trabalho pedagógico e sua flexibilidade dá margem para novas nuances ao que foi projetado anteriormente.

Esse planejamento foi fruto de avaliações das situações de aprendizagem, ou seja, um processo circular de reflexão-ação-reflexão que torna indissociável o planejamento de sua avaliação, aqui configurada por meio de um registro diário docente. Por isso, no anexo em vários momentos aparecem o planejamento do dia seguido de uma escrita avaliativa que considera as propostas docente e as manifestações grupais e individuais das crianças.

A avaliação é um meio de conhecer cada criança que serve para intervir e promover novas aprendizagens. Isso quer dizer que lançamos mão de instrumentos para conseguirmos acompanhar ativamente o processo de aprendizagem de nossos pequenos, que no caso, foi formatado como um registro reflexivo diário.

O propósito de ressaltar essa articulação entre planejamento e registro diário é permitir ao leitor o contato com o movimento de construção do projeto de trabalho, o qual ganhou contornos e rumos que foram se consolidando no cotidiano das crianças e da comunidade. Essa escrita extrapolou o caderno docente e foi ganhando espaço na vivência das crianças ao reverem suas falas por meio da leitura da professora e da construção de cartazes que foram expostos para nossa comunidade de aprendizagem. Quantas vezes esse material foi motivo de atenção das crianças do agrupamento, dos outros e dos pais!

Ter a escrita como sustentáculo do movimento de construção entre o planejamento e a avaliação, deu maior sistematicidade ao trabalho. O registro

da rodas de conversa, das manifestações das crianças e da reflexão sobre as ações docentes garante a ação pedagógica na educação infantil se configurar enquanto prática intencional. A escrita promove esse resgate da essência pedagógica por meio da sistematização do trabalho.

Acredito ainda que o registro possibilita a construção da memória, disponibilizando dados para a “memória compreensiva”, fornecendo subsídios para reflexões, análises e novas ações, formando assim uma “história viva”. Essa construção aborda a memória pessoal e coletiva. Segundo Ostetto,

na escrita, vamos ampliando a compreensão de nossa prática. Vamos percebendo o grupo, o seu movimento; vamos levantando questões sobre o que é preciso melhorar no dia a dia junto com as crianças, dar mais atenção, rever. Na escrita resgatamos a aventura vivida e o crescimento que ela provocou em todos do grupo (Ostetto, 2001, p.22).

Além disso, a criança ao presenciar a escrita em um cartaz, a professora se colocar como escriba de sua fala etc, está inserida em uma prática significativa de letramento que incentiva o cultivo e o exercício da leitura e da escrita. “O registro propicia a construção social da escrita e valoriza uma das dimensões do uso social da língua” (Barbosa, 2008, p. 60). As atitudes docentes são referências educativas, ou seja, os gestos e outras ações não-verbais compõem o cenário de aprendizagem. Por isso, a importância das crianças presenciarem o ato de escrita. Perceber-se e portar-se como leitor e escritor enaltecem o exercício docente, bem como beneficia a formação de outros leitores e escritores, como uma referência positiva. Assim, promovemos a partilha do conhecimento, pois a construção do conhecimento é um processo dialógico dinâmico.

Além do mais, o registro apresenta um caráter documental ao trabalho, o que inclusive permitiu resgatar o trabalho realizado no ano anterior. Essa prática convoca o professor e a criança a um compromisso com o que é dito, pois quando há a transferência do campo da oralidade para a escrita, a atividade pedagógica ganha um teor de seriedade e de maior amplitude do trabalho realizado no agrupamento.

Por fim, esse registro não ficou restrito ao caderno docente, ao contrário, foi lido para as crianças, foi transformado em cartazes e em painéis para as famílias com a intervenção e a ilustração das crianças e de fotos. Essa partilha

do trabalho com a família, enquanto interlocução e produção de cultura, “torna o trabalho pedagógico visível e acessível para o debate democrático, porém ela precisa ser co-construída com o grupo de alunos, criando um espaço de interlocução com as famílias sobre a criança, seu desenvolvimento e suas aprendizagens” (Barbosa, 2008, p. 95).